xv abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

MENINAS LENDO MULHERES: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE MULHERES NEGRAS PARA ADOLESCENTES NA FUNDAC - BAHIA

Dayse Sacramento (IFBA)

Resumo: Este artigo reflete de que forma a leitura de textos de autoria feminina da literatura afro-brasileira possibilitam para adolescentes negras em privação de liberdade, encarceradas, reflexões acerca do contexto de mulheres negras na medida em que se identificam (ou não) com as histórias e contextos lidos nas obras. A partir da leitura dos livros *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus e *Não vou mais lavar os pratos* (2010), de Cristiane Sobral, verifica-se como as autoras que traduzem o cotidiano feminino negro no Brasil podem evidenciar para as jovens a vida e a histórias de mulheres negras a partir de outros lugares de fala, em detrimentos dos silenciamentos sentenciados às vozes femininas na literatura e na (re)construção de outras histórias para e sobre si mesmas. O aporte teórico utilizado contará com as contribuições de Crenshaw (2002), Evaristo (2009) e Duarte (2011), a fim de potencializar reflexões de adolescentes em cárcere sobre questões referentes à interseccionalidade de gênero e raça.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Autoria feminina. Adolescentes negras encarceradas.

Este estudo se configura como uma continuidade da minha pesquisa de mestrado, realizada entre os anos de 2012 e 2014, intitulada *Por que elas e não outras? Vozes e olhares de meninas negras em cumprimento de medida socioeducativa na FUNDAC/ CASE Salvador*, defendida no programa de pós-graduação de Crítica Cultural, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. A pesquisa foi realizada na Fundação da Criança e do Adolescente - FUNDAC, a única instituição na Bahia responsável pela execução de medidas socioeducativas para jovens de 12 a 21 anos incompletos, por estarem em conflito com a lei e sentenciadas com a privação de liberdade. O principal objetivo da pesquisa foi visibilizar as vozes e os olhares de meninas negras durante a internação em meio fechado a fim de refletir de que forma o atendimento socioeducativo prestado pela instituição infere nas suas expectativas de vida durante o cumprimento da medida.

Após a defesa, assumi o compromisso de retornar à instituição a fim de colaborar com a melhoria das condições de vida das adolescents, dentro das

possibilidades que possuo, como professora de Língua Portuguesa, engajada no debate feminista negro, de apresentar, debater, discutir e propor, através de Círculos de Leitura, o contato com o texto literário de autoria feminina negra. Infelizmente, dadas questões de ordem estrutural e pessoal, este projeto começa a sua implementação apenas este ano. O trabalho com a leitura destes textos visa verificar de que forma os textos lidos suscitam reflexes, fazem com que se acessem memórias de experiências anteriores, como as informações dos textos entrecortam as suas vidas e de que forma estes processos acontecem. Este exercício tem sido uma oportunidade de incentivo e promoção de práticas de leitura e escrita, além do exercício da criticidade impresso nas práticas de letramento na escola.

As leituras que fazemos no decorrer das nossas vidas nos acrescenta, a partir do repertório de leitura em que estamos inseridas(os), possibilidades diversas que representam a nossa forma de viver no contexto em que estamos inseridos. Nesta perspectiva, o texto literário pode ser pensado como um elemento norteador que favorece a compreensão das nossas realidades e torna possível que sejam elaboradas formas distintas de lidar com elas.

Desta forma, a leitura de textos literários nos põe em contato com outras experiências de vida, muitas vezes diversas daquelas que vivemos, ou ainda próximas do nosso contexto, numa trama de movimentos que podem ser observados dentro da pluralidade de cada sujeito, aproximando-nos daqueles que encaram (o mundo) de modo diferente do nosso.

Segundo o autor Jorge Lorrosa (1996) as nossas histórias de vida podem ser traduzidas como textos narrativos que são acentuados pelas identidades que nos compõem, sendo estas narrativas revisitadas quando são narradas ou quando se encontram com outras. Assim, se

> [...] o sentido de quem somos está construído narrativamente, em sua construção e em sua transformação, terão um papel muito importante as histórias que escutamos e lemos, assim como o funcionamento dessas histórias no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas [...]. A autocompreensão narrativa não se produz em uma reflexão não mediada sobre si mesma, senão nessa gigantesca fonte borbulhante de histórias que é a cultura e em relação à qual organizamos a nossa própria experiência (o sentido daquilo que nos passa) e nossa própria identidade (o sentido de quem somos). (LARROSA, 1996, p. 142).

Conforme o exposto, os nossos contatos literários atuam em nossas vidas, próximos ou distantes da realidade, mas com influência do meio social como elemento estruturante, projetando, ainda que implicitamente, questões de ordem social. De um modo geral, escritoras negras da literatura afro-brasileira têm o assumido o compromisso de empenhar esforços através dos seus textos literários a fim de combater opressões oriundas da interseccionalidade do gênero e da raça. (CRENSHAW, 2002).

O autor Eduardo Assis Duarte, em *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (2011), reflete como a literatura afro-brasileira, a partir do século XX, passa por um momento "rico em realizações e descobertas", dada a ampliação do seu *corpus*, representada no aumento significativo de estudos acadêmicos que a referendam como campo específico da produção literária no país. Inclusive, ele ressalta que "essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa."

A ampliação de uma chamada "classe média negra", cada vez mais presente em espaços de formação superior, sobretudo a partir da política de cotas raciais no Brasil, pessoas negras, além de ocuparem melhores postos de trabalho, o que determina o aumento do consumo e a implementação da lei 10.639/03 são alguns dos fatores determinantes para que exista uma presença literária demarcada pelo pertencimento racial de forma consolidada. Assim, fazemos referência a textos que apresentam "temas, linguagem e, sobretudo, pontos de vista marcados pelo pertencimento étnico e pelo propósito de construir um texto afro-identificado". (DUARTE, 2011)

Complementando esta noção, a pesquisadora e escritora negra Conceição Evaristo reflete como as questões raciais estão marcadas na textualidade. Para ela, estas produções textuais buscam valorizar aspectos da história e cultura afro-brasileira

> sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p. 20)

Atrelado a este contexto, cada vez mais, a produção intelectual de mulheres negras tem questionado as representações e os papéis sociais de gênero e raça, ao observarmos que as relações que são tecidas na sociedade impõem às mulheres negras (e a outros segmentos discriminados) condições distintas de vulnerabilidades no que se refere aos direitos humanos, acesso a bens culturais, inclusive no que diz respeito às políticas públicas. Assim, estas mulheres estão expostas a uma trama de empecilhos e acessos que legitimam e sustentam as hierarquias de forma estanque, deixando, muitas vezes, de visibilizar estas mulheres como sujeitos portadores de direitos.

As questões de gênero e raça, de forma interseccional, são, de forma recorrente, a temática de textos de autoria feminina negra. Isto porque, as facetas do racismo e do sexismo, juntas, destinam para as mulheres negras formas de opressão e segregação que não atingem mulheres não-negras. Esta é a tese defendida pela pesquisadora Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), na qual as desigualdades que são oriundas do racismo, do sexismo, da homofobia e de outras formas de opressão atuam de forma intersccionalizada, ou seja, as formas de opressão que atingem as mulheres negras que impedem a sua emancipação e empoderamento atuam de forma conjunta.

Esta percepção também contribuiu para a evolução de uma perspectiva crítica acerca das múltiplas opressões que assolam as mulheres. Entre as minorias femininas que despontam nesse cenário de articulação, destacamos as mulheres negras, com sua escrita engajada e, muitas vezes, marcada pela autorepresentação. Neste sentido, este trabalho faz breve análise sobre a opressão destinada às mulheres nas obras *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, juntamente com a reflexão do universo feminino negro de Cristiane Sobral, no livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos*.

No primeiro livro, Bitita, uma menina negra de oito anos, através da sua percepção de mundo, demonstra como internalizou muitos dos valores patriarcais quando, por exemplo, ela deseja ser um homem. Não surpreende o desejo de Bitita, afinal, às mulheres, eram atrelados valores pejorativos que representam uma rotina em que a criança reconhece apenas lugares de invisibilidade e de pouca significância para a mulher do avô, Siá Maruca:

> A mulher que vivia com o meu avô era Siá Maruca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando falavam, se o vovô a repreendia ela chorava e curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava eu dizia:
> Siá Maruca por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende? – Não minha filha! A mulher deve obedecer ao

> homem. Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me. (JESUS, 1986, p. 66).

Bitita demonstra estar revoltada com a maneira como o avô se referia à esposa e, ao perceber a "superioridade" masculina, ela deseja ser homem. Mesmo insatisfeita com a recorrente situação de opressão, a criança acaba por incluir no seu imaginário que mulheres sempre são obedientes, o que demarca uma hierarquia de gênero em que o gênero feminino sempre está subjugado.

A personagem também entende que o lugar da mulher meretriz, mesmo com as adversidades que sabemos existir na prostituição, como uma possibilidade de liberdade:

> Um dia a Siá Maruca lavou roupa para fora e ganhou um mil-réis. Quando o vovô veio almoçar, não tinha farinha. Ele não comia sem farinha, porque na época da escravidão os pretos eram obrigados a comer o angu, e a farinha. À tarde quando foi jantar encontrou farinha.
>
> Perguntou a siá Maruca: – Onde e como conseguiste dinheiro para comprar esta farinha? Os seus olhos voaram para o rosto da siá Maruca, que havia mordido os lábios. Por fim ela resolveu responder: – Eu lavei as roupas da dona Faustina, ela pagou e eu comprei cinco quilos de farinha, lavei duas dúzias por um mil-réis. O quilo de farinha custou duzentos réis. O meu avô retirou a cinta da cintura e espancou-a. Dizia: – É a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora sou eu! Se a senhora não sabe obedecer - vai embora! A siá Maruca chorou. E eu fiquei pensando: É melhor ser meretriz, ela canta, vai aos bailes, viaja, sorri. Pode beijar os homens. Veste vestidos de seda, pode cortar os cabelos, pintar o rosto, andar nos carros de praça e não precisa obedecer a ninguém. (JESUS, 1986, p. 80-81).

Mesmo que a intenção de Siá Maruca fosse de ajudar o marido, foi mal interpretada e violentada fisicamente. Assim, Bitita, diante da imposição e brutalidade masculina, além da ausência de possibilidade de reação, conclui que ser meretriz, diante da situação que vivenciava na sua casa, era mais vantajoso para as mulheres por ter a liberdade que não tinha a mulher casada. O contexto da escrita de Diário de Bitita revela-nos como o sexismo e a violência voltada para as mulheres, na verdade, ainda existe e faz inúmeras vítimas.

Já Cristiane Sobral, em *Não vou mais lavar os pratos*, poema que dá nome ao livro, defende o protagonismo de uma mulher negra sobre a sua vida e escolhas ao

evidenciar o anseio por liberdade que aumenta com o seu empoderamento através da leitura quando afirma que “Não vou mais lavar os pratos/Nem vou limpar a poeira dos móveis/Sinto muito. Comecei a ler.”

Os textos deste livro buscam traduzir o cotidiano de mulheres negras a partir de questões que passam pela estética até o cuidado consigo mesmas. No poema *Cuidado*, Cristiane Sobral trata de como o cabelo crespo tem atribuído a ele, a partir de um padrão de beleza ariano e que inferioriza traços pertencentes ao corpo negro e que são recorrentemente rechaçados. Ela diz: “Eu vou falar do nosso cabelo. Eu vou falar de tudo o que fazem tentando o sucesso. Eu vou falar porque isso acaba com a gente”.

As duas autoras, em tempos distintos, através do texto literário, revelam e refletem sobre o imaginário feminino e podem ser importantes ferramentas a serem utilizadas na formação de mulheres negras que tenham consciência das questões de gênero que vivenciam, a fim de pensarmos no combate à opressão que vivem estas mulheres. As autoras escolhidas para este estudo assumem este lugar de fala, pois rompem com os estereótipos femininos negros, rejeitam a hiperssexualização dos corpos de mulheres negras, questionam o silêncio e a acomodação forçosa, através de enredos e personagens que traduzem outras formas de representação de mulheres negras.

Os textos das autoras selecionadas são uma possibilidade das jovens terem outras representações do imaginário sobre as questões femininas negra, em contraponto a experiências pautadas pela vivência de mulheres negras na sociedade brasileira e que trazem outros modos de vida. Deste modo, espera-se que as atividades dos Círculos de Leitura, além de servirem como um espaço de exercício da criticidade das(os) estudantes, também sejam um espaço de promoção da leitura e da escrita destas(es) jovens.

Assim, longe de conclusões fechadas ou determinantes sobre o tema, consideramos relevante esta ação de empoderamento através dos textos literários mencionados, pois além de ser uma proposta que se insere nos debates contemporâneos sobre a possibilidade de permitir aos excluídos da história espaços (dizi) visibilidade, poderá trazer contribuições para as discussões raciais em curso, bem como colaborar para afirmar os sentidos e as identidades em questão das(os) adolescentes que mais precisam de atenção e oportunidades. Concluo com as expectativas de Cristiane Sobral:

Espero um dia poder ver:

Mulheres desfrutando o mesmo poder
Gatas espertas conhecendo um infinito horizonte
Além do universo das calcinhas
Creio nas senhoras que conhecem o poder do conhecimento.
(SOBRAL, 2011)

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Documento da Coalizão de Mulheres Negras na III Conferência Mundial Contra o Racismo: a interseccionalidade de raça, gênero e direitos humanos. In BAIRROS, Luíza (Org.). Conferência Mundial contra o Racismo Dossiê III – Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, 2002.

DUARTE, Eduardo Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Disponível em http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/marcelaernesto.pdf. Acesso em 18 de jun. 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Revista SCRIPTA. Belo Horizonte: 2009.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M.V. (Org.). **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 1996. MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa algazarra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.